

(Nem) tudo são histórias de amor

Isabel Mateus *

■ Há títulos que são uma bússola de leitura, um GPS discreto e seguro. Orientam o leitor-viajante no mapa das palavras, sinalizam o destino, indicam itinerários possíveis. Outros há que desconcertam como uma bússola ou um GPS subitamente enlouquecidos.

O título da nova antologia de contos de Dulce Maria Cardoso (DMC), *Tudo São Histórias de Amor*, consegue ser mais surpreendente. Trata-se de um título que simultaneamente orienta e desorienta o leitor, indicando-lhe um itinerário cujas coordenadas depois confunde, prometendo-lhe o destino tranquilo de uma coletânea de histórias de amor para o deixar fora de rota, abandonado à estranheza de caminhos improváveis.

Tudo São Histórias de Amor (TSHA) reúne um conjunto de 12 contos publicados de forma dispersa, em jornais, revistas, antologias temáticas, publicações on-line, e retorna, com alterações pontuais, alguns dos contos da antologia *Até Nós*, de 2008. Todavia esta dispersão ao nível da produção escrita não se traduz numa dispersão organizativa: os 12 contos constituem, em rigor, como o título sugere, 12 tentativas de definição do amor. Doze provocadoras tentativas. Das suas múltiplas formas, da sua condição precária no mundo contemporâneo, dos seus jogos de poder, das suas zonas sombrias, das suas implicações éticas ou sociais. Doze caminhos desconcertantes.

DMC prossegue nestas histórias a interrogação sobre a natureza humana e as origens do mal, sobre o tempo e a memória, o poder e a justiça, disseca-dos a partir do microscópio das relações familiares, que tem constituído o ponto de partida dos romances já publicados e reconhecidos nacional e internacionalmente, interrogação que vem confirmá-la agora como uma voz de relevo na paisagem mais vasta da ficção portuguesa contemporânea.

As histórias ou contos do livro são objetos insólitos, perturbadores, desassossegantes. Antes de mais, pela sua forma mutante, pelo hibridismo de linguagens e pelo diálogo de culturas, pela análise dessombreada das transformações individuais, sociais e éticas e ideológicas inerentes às sociedades urbanas ditas “pós-modernas”. Mas também pelas personagens surpreendentes que o leitor conhecerá ao longo do percurso.

Em *Este azul que nos cerca*, DMC revisita a oralidade do conto tradicional para oferecer ao leitor uma narrativa sobre a perda da inocência e sobre a genealogia do tempo histórico em que perpassa a rescrição bíblica da narrativa do Jardim do Eden. Há uma ilha cercada de azul, um farol, uma comunidade de faroleiros, um tempo suspenso, “difícil, se não impossível, de ser contado”. É um jovem faroleiro que um dia vê chegar um anjo de vestido branco, caminhando na sua direção com uma cesta de cerejas, fulgurantes de vermelho. Um acontecimento que irá perturbar tragicamente a eternidade líquida daqueles dias azuis.

A oralidade visível nos contos diluir-se-á (e com ela uma aparente simplicidade de escrita), contudo, no apuro formal do conto literário, na linguagem poética e no fulgor das imagens, na incorporação ou colagem de outras linguagens que vão desde as notícias de jornal, a internet (*Coisas que acarinho e me morrem entre os dedos*), à fotografia, ao cinema e às séries televisivas, das artes plásticas às artes performativas, exigindo a

participação ativa do leitor. Um experimentalismo de linguagens que a adaptação ao palco (Monica Calle) ou ao cinema (João Mário Grilo) do conto *Não Esquecerás*, construído a partir da queda da ponte de Entre-os-Rios, vem destacar.

A autora revela uma particular mestria na criação de uma atmosfera psicológica na linha do conto otocentista, mesmo se a voz narrativa é tudo o que se adivinha de um rosto que permanece anónimo. E é nesse adensar da atmosfera psicológica que o tempo subitamente irrompe, o instante trágico se instala: o instante é o acaso, esses factícios segundos que o autocarro demora para dar boleia ao par narrador/leitor e o farão despenhar-se, com a ponte, nas águas do rio, o gesto instintivo da mãe protegendo o corpo do filho perante a ameaça do carro que desliza na estrada sem condutor, esquecendo nesse gesto o outro filho, ao seu lado (*Os anjos por dentro*): a explosão na oficina de potência que há de marcar para sempre a diferença, a estranheza da alteridade, entre irmãos gémeos (*Ignais*); a mosca debatendo-se no copo de vinho rosé e atraindo o olhar da criança “diferente” (*A mosca e o copo de vinho rosé*).

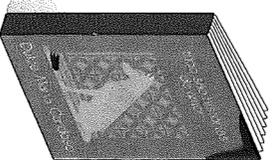
O instante é a interrupção do grotesco e do fantástico que vem impregnar ou curto-circuitar a relação com o real em contos como *Humil e Desaparecida ou a Justiça*: na proliferação monstruosa do mal sobre a terra (de que a arte se alimenta)



Interrogações sobre as origens do mal, o tempo e a memória, o poder e a justiça

visível no medo que paralisa o olhar do antigo mineiro na garganta voraz da minha (*Pânico*) ou na temática do crime (e, mais veladamente, do suicídio) que atravessa *A Biblioteca*, *Autobiografia ou a história de um crime premeditado* ou *Retrato de um jovem poeta*: do assassino a quem os livros salvaram a vida, mas não da maldade, e por isso pede que o matern: à escritora que quer matar a outra dentro de si como condição da própria escrita; à velha e o cão, entrincheirados na “nuvem dourada” de uma casa de banho, em todos eles o leitor se confronta com uma complexa teia de relações entre a escrita (e a arte) e a experiência predatória do tempo. A velha sabe que “nenhum esforço [é] capaz de domar o tempo”, nenhum refúgio possível. Talvez nem mesmo a nuvem dourada da escrita. ■■

* *Profª de Literatura Portuguesa e investigadora da Universidade do Minho, e ensaísta*



> *Dulce Maria Cardoso*
TUDO SÃO HISTÓRIAS DE AMOR

Tinta-da-China, 168 pp., 16,20 euros

> **Isso é uma boa notícia para quem encorrenda.**

Quando as encomendas são abertas, pouco dirigidas ou limitadas, podem tirar-nos da nossa zona de conforto. No meu caso, as ideias que tenho são todas para romances.

Um conto nunca deu origem a um romance ou vice-versa?

Nunca. Nos dois procuro coisas diferentes. Ambos são, no entanto, exercícios violentíssimos. Um requer fôlego e resistência, o outro, rapidez e síntese. No romance é preciso namorar. No conto tem de haver amor à primeira vista, paixão. Já me disseram que o conto que abre esta antologia, *Este Azul Que Nos Cerca*, daria um belo romance. Tem um ambiente sugestivo e o potencial da claustrofobia da ilha, mas não consigo imaginar mais nada. Foi pensado para ser como é.

Estes contos são muito diferentes entre si. São também um lugar de experimentação?

Sim. De procura de novas vozes, estruturas diferentes. A arte só é arte quando corre riscos. Se já sabemos o que vamos fazer, regressamos à tal zona de conforto. *Não Esquecerás* é um dos meus contos favoritos e tinha tudo para falhar.

Porquê?

Era das encomendas que se rejeita imediatamente. Do Centro Comercial Colombo, para uma iniciativa de Natal, dedicada ao tema da solidiedade e com lucros a reverter para uma fundação. O cliché montado.

O que lhe agrada no resultado final?

Escrever é dar a um Outro. E as famílias afetadas pela tragédia da ponte de Entre-os-Rios já tinham perdido tanto que me orgulho de lhes ter devolvido um pouco da memória das vítimas. O interesse da Mónica Calle, que já usou este conto num espetáculo, e do João Mário Grilo, que o está a adaptar a uma curta-metragem, faz-me acreditar que o fiz bem.

Esse conto podia ser um manifesto?

A realidade é muito sugestiva e tentadora. O problema é poderes usá-la sem te transformares num abutre. Quando recebi o convite, pensei: o que pode uma pessoa que vive em Lisboa, que nunca foi a Entre-os-Rios, fazer por alguém que já sofreu tanto? Como fugir à exploração mediática das televisões, que nesse ano passaram a ter emissões 24 horas por dia? Nunca vi nada mais obscuro do que um microfone lançado a quem perdeu um familiar. E passado uns quantos meses o interesse desapareceu.

O que contrapõe o escritor?

A única saída é colocarmo-nos dentro do autocarro, dizer que uma parte de nós também morreu, embora a morte seja um assunto muito sério. No fundo, dizer que te assumas como responsável. Aquela ponte não caiu por acaso. Havia relatórios e denúncias. Faz lembrar a curva do Mónaco, na Marginal de

Cascais. Morreu lá muita gente mas só foi arranjada quando um general perdeu lá a vida. Somos todos iguais mas uns mais iguais do que outros. Uma das funções da arte é tentar que essa igualdade seja verdadeira.

“Não esquecerás” é então um mandamento literário?

É, antes de mais, reconhecer que ao esquecermos o Outro estamos também a promover o nosso próprio esquecimento. Um dia a tragédia chegará a nós. Mas se o interior estiver protegido, o centro também estará. De igual forma, se os emigrantes ilegais estiverem protegidos, os legais também estarão. A questão é sempre o alargamento da proteção, não a sua diminuição, como se advoga em tempos de crise. É disso que os políticos nos querem convencer.

Mais do que espectadores ou testemunhas, somos cúmplices?



Escrevo para criar um mundo paralelo onde me sinto mais confortável ou para contribuir para que o mundo em que vivemos seja um pouco melhor

O mal sempre aconteceu pela ação de poucos e pela omissão de muitos, às vezes de milhões. Essa convicção preocupa-me. A nossa classe dirigente, que anda sempre associada às palavras incompetência e corrupção, não é muito vasta. Somos infinitamente mais. Por que razão estamos parados?

Os contos e os romances são formas de intervenção?

Não considero que a literatura sirva para passar mensagens, a não ser em casos pontuais e sem descurar a poeticidade do texto. Mas também não faz sentido preocuparmo-nos apenas com as figuras de estilo. Não podemos olhar para a realidade de uma forma neutra.

Escrever é uma forma de tomar posição?

Viver é tomar posição. Escrever ainda mais. Como qualquer proposta artística.

UMA DIMENSÃO ÉTICA

Que critérios usou para organizar esta antologia?

Estes são os contos que mais me pertencem. Até agora não me vergonho de nada que publiquei, mas deixei muitos de fora. O primeiro critério foi literário. O segundo, sentir-me nestas histórias.

Aproveitou a oportunidade para fazer um balanço?